

A verdade em preto e branco: potencializando a interdisciplinaridade no território escolar

A verdade em preto e branco: enhanced interdisciplinarity in the school territory

Fabiana Wentz¹
Cristiana Monique Feltes Sivert²
Lovani Volmer³

Resumo

Muito tem-se discutido acerca do baixo índice de leitores no Brasil, bem como sobre as atividades propostas no território escolar para modificar esse cenário. Este estudo tem como objetivo provocar reflexões sobre a interdisciplinaridade como uma possibilidade para alcançar tal propósito. Para isso, considerando o público-alvo, a fase adolescente e sua relação com a literatura fantástica, faz-se uma análise do trabalho proposto em uma turma de 8º ano dos anos finais do ensino fundamental de uma rede privada de ensino do Vale do Caí, nos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Lógica e Matemática Financeira, por meio da obra “A verdade em preto e branco”, de Antônio Schimeneck. Evidencia-se, portanto, que a interdisciplinaridade está atrelada à aprendizagem significativa, mas que requer um planejamento adequado voltado ao público-alvo e suas particularidades.

Palavras-chave: Aprendizagem; Interdisciplinaridade; Território escolar.

Abstract

There has been discussed a lot about the low readership rate in Brazil, as well as the activities proposed in the school territory to change this scenario. This study aims to

¹ Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Feevale). Bolsista Capes. Mestra em Letras, pós-graduada em Gestão Escolar e graduada em Letras – Português/Inglês. Professora da Escola Capital do Saber (Feliz/RS).

E-MAIL: fabianawentz@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8653-9992>.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0089138094311720>

² Licenciada em Matemática (Unisinos). Pós-graduada em Especialização para professores de Matemática (FURG). Professora da Escola Capital do Saber (Feliz/RS).

E-MAIL: cristianasivert@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2711-8503>.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1644035265653369>

³ Doutora em Letras, ênfase Leitura e Linguagens (UCS/Uniritter). Mestra em Letras, ênfase em Leitura e Cognição (UNISC). Professora da Universidade Feevale.

E-MAIL: tcheajudo@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-1005>.

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3473440605906520>

provoke reflections on interdisciplinarity as a possibility to achieve this purpose. For this, considering the target audience, the adolescent phase and its relationship with fantastic literature, an analysis of the work proposed in an eight year of a private elementary school in Vale do Caí, in Portuguese and Logic and Financial Mathematics subjects, using “A verdade em preto e branco”, by Antônio Schimeneck, is carried out. It is evident, therefore, that interdisciplinarity is linked to significant learning, but requires appropriate planning to the target audience and their particularities.

Keywords: Learning; Interdisciplinarity; School territory.

Introdução

O território escolar é repleto de desafios. Em um mundo cada vez mais tecnológico, os professores tendem a estudar e a buscar diferentes propostas para encantar seus estudantes e auxiliá-los no processo de ensinoaprendizagem. O ensino tradicional, baseado em transmissão de conhecimentos, já não é mais adequado no contexto atual e abre espaço para estratégias inovadoras de ensino, que consideram as reais necessidades dos estudantes. É, pois, na escola que lhes são possibilitadas inúmeras experiências e vivências, a fim de desenvolver seres humanos pensantes, críticos, sensíveis e ativos na sociedade em que vivem.

Nesse contexto, é preciso considerar o contato com a leitura como uma importante ferramenta para atingir esse propósito. A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-livro (2019), mostra que, embora boa parte dos entrevistados reconheça que a leitura traz conhecimento (56%) e que ela lhes ensina a viver melhor (29%), ainda há um número baixo de pessoas que afirmam que gostam muito de ler (31%) em comparação a um número considerável de pessoas que não gostam de ler (22%). Além disso, a pesquisa aponta que apenas 15% do público leitor teve o gosto pela leitura influenciado por algum professor ou professora, enquanto que 52% diz não ter sido influenciado por ninguém especial, não ter sido influenciado ou não gostar de ler.

Os dados apresentados anteriormente demonstram que a escola, como espaço de múltiplas possibilidades para a aprendizagem, tem deixado a desejar na motivação às práticas leitoras e, talvez, até mesmo, nas propostas

pedagógicas a partir da leitura literária. Corroboram esse fato os dados da pesquisa que evidenciam que, em seu tempo livre, a maior parte dos entrevistados gosta de assistir à televisão (67%), usar a internet (66%), escutar música ou rádio (60%) e usar o WhatsApp (62%) em comparação aos 24% que ocupam esse tempo lendo livros físicos ou digitais.

É diante desse cenário que, movidas pelo desejo de provocar reflexões em nossos estudantes, trabalhando seu senso crítico e suas habilidades cognitivas, surgiu esta proposta interdisciplinar. Professoras das disciplinas de Língua Portuguesa e Lógica e Matemática Financeira de uma turma de 8º ano de uma escola da rede privada do Vale do Caí, observamos o quanto os estudantes têm potencial, mas, muitas vezes, lhes falta motivação para a aprendizagem durante as aulas. Na tentativa de provocá-los, planejamos e organizamos um projeto interdisciplinar. Para tanto, selecionamos a obra “A verdade em preto e branco”, de Antônio Schimeneck. A justificativa para a escolha desse livro está no fato de ser uma narrativa fantástica, que envolve o leitor, além de fazer uso de linguagem acessível ao público-alvo.

Nas seções a seguir, apresenta-se a interdisciplinaridade como possibilidade no território escolar. Depois, busca-se compreender a relação entre literatura fantástica e adolescência, com base no estranhamento, para, então, analisar a obra literária em questão. Após, faz-se o relato de experiência com vistas a refletir sobre o processo de ensinoaprendizagem.

1. A interdisciplinaridade no território escolar

Há alguns anos, discute-se muito sobre os rumos da educação no Brasil. A busca pela aprendizagem significativa aos educandos costuma provocar muitos profissionais a estudarem diferentes possibilidades para o ambiente escolar, considerando que, hoje, muitas crianças e adolescentes têm inúmeras ferramentas ao seu dispor, interferindo no tipo de atividade que lhes chama atenção em sala de aula.

Cada vez mais, o ensino tradicional dá espaço a atividades inovadoras, que consideram o educando como um ser crítico, capaz de desenvolver suas habilidades de forma autônoma e independente. Isso é o que prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que rege a educação em escolas públicas e particulares do país e em vigor desde 2017, quando aponta que “[...] é importante *fortalecer a autonomia* desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação.” (BRASIL, 2017, p. 60, grifo nosso).

Diante desse contexto, a interdisciplinaridade surge como uma estratégia pedagógica coerente, uma vez que possibilita o dialogismo entre os componentes curriculares, dando mais sentido às atividades propostas no ambiente escolar. Nesse viés, a BNCC considera que os currículos escolares devem assegurar as aprendizagens essenciais para cada etapa da educação básica por meio de decisões que adequam o documento oficial à realidade local. Assim, cabe às escolas a organização interdisciplinar dos componentes curriculares, bem como o fortalecimento da equipe de profissionais, a fim de adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas no processo de ensinoaprendizagem (BRASIL, 2017). Ao considerar as demandas dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, a BNCC afirma:

Atenta a culturas distintas, não uniformes, nem contínuas dos estudantes dessa etapa, é necessário que a escola dialogue com a diversidade de formação e vivências para enfrentar com sucesso os desafios de seus propósitos educativos. A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto no entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa. (BRASIL, 2017, p. 60-61).

Dessa forma, é preciso considerar a escola como um território de múltiplas possibilidades para a aprendizagem e como um espaço que visa à construção do conhecimento enquanto um processo colaborativo entre os sujeitos envolvidos, estudantes, professores e comunidade escolar. Conforme

Grabowski (2019, p. 126), “As escolas e as universidades devem ser concebidas como espaços de criação, preservação e transmissão de conhecimentos científicos, técnicos, humanos, estéticos, éticos e políticos”. Nessa perspectiva, as atividades relacionadas entre os diferentes componentes curriculares favorecem o processo de aprendizagem, uma vez que passam a fazer mais sentido estando inter-relacionadas.

Desse modo, esta proposta interdisciplinar buscou aproximar as disciplinas de Língua Portuguesa e Lógica e Matemática Financeira, por meio de atividades envolvendo uma obra literária. Compreende-se que a leitura permite o contato com o texto literário e com o mundo da ficção. É ela que possibilita ao ser humano a reflexão sobre o mundo e o desenvolvimento de seu senso crítico. Sob esse viés, a literatura torna-se importante para a vida quando o ser humano se descobre naquilo que lê, sente prazer ao realizar leituras, estabelece relações dialógicas entre o texto que está lendo e outros que já leu. De acordo com Riter (2009, p. 52),

[...] o prazer da leitura reside na possibilidade que as palavras têm de nos encantar, de construir diante de nós um universo novo, mágico, possível com sua reserva de vida paralela, que nos permite certo deslocamento de nosso eixo, permite-nos viver experiências novas, permite-nos colocar no lugar do outro.

Ainda, Riter (2009) enfatiza que a escola é um espaço de aprendizagem e que a leitura também precisa ser ensinada. “Os alunos necessitam de alguém que mostre a eles caminhos de leitura, indique títulos, revele o prazer que as palavras possuem e todo o universo que as páginas de um livro escondem.” (RITER, 2009, p. 57). Esse alguém a quem o autor se refere, na escola, é o professor. E, aqui, é importante considerar que esse papel não cabe apenas ao professor de Língua Portuguesa, mas é compromisso de todos os professores que visam ao desenvolvimento do senso crítico nos estudantes.

Dessa maneira, relacionar a leitura do texto literário com atividades matemáticas é uma estratégia didática que busca romper com padrões tradicionais de ensino, tornando os estudantes protagonistas no processo de

aprendizagem. Para Pontes (2018), o ensino e o professor de Matemática da Educação Básica precisam readequar-se ao mundo tecnológico, desenvolvendo capacidades e habilidades para formar cidadãos que supram as necessidades do mundo moderno. É nesse sentido também que Guirado et.al. apontam que

A aprendizagem da Matemática não consiste apenas no desenvolvimento de habilidades, como calcular e resolver problemas ou fixar conceitos pela memorização ou listas de exercícios, mas visa à criação de estratégias que possibilitem ao aluno construir significados quanto às ideias matemáticas, de modo a tornar capaz de estabelecer relações, justificar, analisar, discutir e criar. (GUIRADO et. al., 2010, p. 10).

Assim, a interdisciplinaridade é um meio para desenvolver diferentes competências e habilidades nos estudantes. Considerando as competências específicas da área de Linguagens para o ensino fundamental, elencadas pela BNCC, priorizaram-se as competências 1, “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.” (BRASIL, 2017, p. 65), e 5:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2017, p. 65).

Além disso, no que diz respeito à área da Matemática, consideraram-se as competências 2, “Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo” (Brasil, 2017, p. 267), e 8:

Interagir com seus pares de forma cooperativa, trabalhando coletivamente no planejamento e desenvolvimento de pesquisas para responder a questionamentos e na busca de soluções para problemas, de modo a identificar aspectos consensuais ou não na discussão de

uma determinada questão, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles. (BRASIL, 2017, p. 267).

Com base nesses paradigmas, apresenta-se, a seguir, uma reflexão sobre a relação entre o público-alvo e o texto literário escolhido nesta proposta interdisciplinar.

2. Narrativas fantásticas – a conexão entre o estranhamento e a adolescência

Para que uma proposta de leitura literária seja colocada em prática, é preciso, primeiro, conhecer um pouco mais sobre o público-alvo, a fim de atender a seus interesses. É necessário compreender que a adolescência é um período de profundas mudanças, as quais serão significativas para toda a vida. É nesse momento que família e sociedade como um todo se unem e desempenham importante papel de suporte diante das questões que perpassam essa fase. E a escola, como elemento fundamental na construção pessoal do jovem, pode encontrar, na literatura fantástica, uma forma de acesso ao universo adolescente.

Mia Couto, no conto “Murar o medo” (2018), aborda o medo como um sentimento que auxiliou o narrador da história a recear o que é desconhecido e a temer monstros, fantasmas e demônios. Quando reflete sobre a construção do medo em sua vida, ele afirma: “Os fantasmas que serviam na minha infância reproduziram esse velho engano de que estamos mais seguros em ambientes que reconhecemos.” (COUTO, 2018, p. 1). Essa história apresenta traços de verossimilhança, o que permite relacioná-la à vivência humana, em especial, à fase adolescente. O medo faz parte da adolescência e, muitas vezes, atormenta a mente do jovem, que estranha diferentes situações vivenciadas por si mesmo, exatamente porque ele tem dificuldade de se reconhecer. Nesse viés, Calligaris aponta que o adolescente precisa lutar contra essa fase monstruosa que está vivenciando:

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. (CALLIGARIS, 2013, p. 8-9).

Nessa perspectiva, percebe-se que a adolescência é considerada uma fase monstruosa, com a qual o jovem precisa lutar. “Abandonar a infância e enfrentar a seriedade e a chatice da vida adulta é assustador.” (CORSO; CORSO, 2018, p. 129). Para lidar com tal situação, o contato com textos literários de cunho fantástico apresenta-se como um refúgio. Isso é perceptível na análise que Corso (2006) faz em relação ao sucesso da saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling:

A sabedoria que se vai obter em Hogwarts é a necessária para atravessar a crise adolescente: um passado maquiado de fantasias mágicas, alguns truques, uma visão muito crítica dos adultos, uma relação ambígua com os limites e, principalmente, a curiosidade de descobrir tudo aquilo que for segredo. (CORSO, 2006, p. 333).

Nesse sentido, conforme os estudos freudianos, não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorre na vida real, e é essa criação que possibilita atingir os efeitos do infamiliar que não se aplicam à vida. Para Freud (1919-2019), o escritor pode diversificar o infamiliar para além das vivências, apresentando acontecimentos que, talvez, nunca se tornarão experiências na realidade, e o leitor reage à ficção por ele produzida assim como reagiria às suas próprias vivências. Daí a necessidade de o adolescente ter contato com esse tipo de narrativa.

Consoante Todorov, a literatura fantástica ilustra muitas transformações de desejo. “A maior parte dentre elas não pertence verdadeiramente ao sobrenatural, mas antes a um ‘estranho’ social.” (2017, p. 140). Dessa forma, ao escrever sobre a função social da literatura, comenta que é possível “duvidar de que os acontecimentos sobrenaturais não passem de pretextos, mas há certamente uma parte de verdade nessa afirmação: o fantástico permite

franquear certos limites inacessíveis quando a ele se recorre.” (TODOROV, 2017, p. 167).

Sob essa perspectiva, as emoções presentes, principalmente, na vida do adolescente podem ser amenizadas com a leitura de textos literários que envolvem o estranhamento, uma vez que, conforme Huston (2008), a identidade se constrói com base na identificação. Por meio da ficção, o leitor pode fazer perguntas a si mesmo que, sem ela, talvez, não as faria. Dessa maneira, considerando sua relação com a adolescência e o estranhamento, a literatura fantástica, muitas vezes, provoca alívio em relação aos problemas que surgem nessa fase, rompendo com possíveis barreiras e permitindo vivenciar essa etapa com mais leveza.

Ainda, para Huston, “não é possível, nem desejável, eliminar as ficções da vida humana. Elas são vitais, consubstanciais. Criam a nossa realidade e nos ajudam a suportá-la. São unificadoras, tranquilizadoras, indispensáveis.” (2008, p. 102). Desse modo, por provocar diferentes sensações, como o medo, que deve ser enfrentado na narrativa e, posteriormente, na vida real, a literatura fantástica apresenta-se como importante fator para a formação do adolescente.

Portanto, neste artigo, considerou-se que a narrativa fantástica, que estabelece a conexão entre o estranhamento e a adolescência, é o caminho para atingir um dos objetivos da escola: formar leitores. Por isso, a fim de estimular a curiosidade, quebrar barreiras do público-alvo e descobrir sensações diferentes, optou-se pela obra “A verdade em preto e branco”, de Antônio Schimeneck, a qual será analisada a seguir.

3. *A verdade em preto e branco* – a exploração do texto literário

A obra “A verdade em preto e branco”, publicada em 2017, é uma novela juvenil escrita pelo escritor gaúcho Antônio Schimeneck. Inserida em uma cidade fictícia chamada Vale Santo, a narrativa desenvolve-se em torno, principalmente, de Roberta e Dona Mercedes, duas mulheres que se tornaram amigas nas reiteradas visitas ao cemitério.

A cidade de Vale Santo tem poucos moradores. Majoritariamente, sua economia gira em torno da produção e venda de mel. Roberta, filha do ex-prefeito da cidade, vai com frequência ao cemitério, a fim de visitar seu pai já falecido. Dona Mercedes, uma viúva cujos filhos não moram próximos, por sua vez, acompanha a construção de um jazigo para si, no futuro, e seu falecido esposo, Raul Rosales, no cemitério. É ali que as duas personagens se conhecem e desenvolvem certa confiança.

No dia em que Dona Mercedes quer fazer a transferência do corpo do marido, chama ao local seus filhos, Nicolas, Pablo e Raquel, acompanhados de Roberta. O primo Laerte também foi convidado. No entanto, antes que a troca acontecesse, Nicolas é atropelado por um carro suspeito. Na ida ao hospital, o porta-luvas abre em uma brusca freada espalhando alguns papéis. O nervosismo de Laerte incomoda Roberta, que fica atenta e percebe que ele esconde uma caderneta preta no bolso interno do casaco.

Roberta, que do banco de trás observava a cena, não deixou de achar aquele item familiar, mas o mais estranho foi a reação do condutor, que ao ver o rapaz com o pequeno caderno não conseguiu disfarçar uma careta de desagrado e simplesmente vociferou: - Devolva isso! – e o guardou no bolso interno do casaco. Dando-se conta da indelicadeza, esboçou um sorriso amarelo e também se desculpou por ter parado tão abruptamente. (SCHIMENECK, 2017, p. 55).

Roberta continuou a pensar sobre tudo isso. Lembrou-se de que seu pai, Altamiro Peixoto, também carregava uma caderneta assim, aumentando ainda mais sua curiosidade. Resolveu ir até o apartamento em que seu pai havia morado, o qual estava com a fechadura quebrada e bagunçado, e confirmou sua hipótese.

Encontrou na primeira página, em forma de organograma, uma estrutura hierárquica. Reconhecia aqueles nomes. Eram antigos amigos do pai, de quando ainda eram uma família. Diversos foram os encontros em jantares envolvendo aquelas pessoas que, com a separação dos pais, acabara, sumindo de sua casa. (SCHIMENECK, 2017, p. 63).

Embora tenha percebido que estava sendo perseguida por um carro, a protagonista vai até a casa de Dona Mercedes, onde explica sobre a situação. Resolvem fazer a troca de sepultura em sigilo, sem o primo Laerte. No entanto, no dia programado, percebem que não havia corpo enterrado. A partir de então, Roberta propõe-se a investigar. Convence o dono do jornal para o qual trabalha a criar um concurso na cidade, premiando a entidade, organização ou empresa que presta o melhor serviço à comunidade, de acordo com a opinião pública. Isso possibilitou que Roberta investigasse todos os nomes da lista que constava na caderneta de seu pai.

Durante as entrevistas, a garota descobriu uma irregularidade na ala psiquiátrica do Hospital Municipal e que Raul, o marido de Dona Mercedes, se encontrava lá há quase dez anos. Com a ajuda de Pablo, Roberta consegue tirar Raul de lá e ir embora da cidade, mas antes, deixou registrado, no jornal Progresso, o ganhador do concurso, o Hospital Municipal de Vale Santo, e a verdade descoberta. Roberta descobriu que, durante o golpe militar no Brasil, na década de 60, um grupo de pessoas bem-sucedidas de Vale Santo, lideradas pelo médico Dr. Agnelo Bernardes, arquitetaram um esquema para que a população da cidade não pudesse questionar nenhuma ordem, apenas obedecer. Ao visitarem o hospital, os pacientes eram submetidos a um processo hipnótico e, após, informações eram instaladas em seu inconsciente.

4. Língua Portuguesa e Matemática: por que não?

Esta proposta de atividade interdisciplinar foi aplicada com estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola da rede privada de ensino do Vale do Caí nas disciplinas de Língua Portuguesa e Lógica e Matemática Financeira. Para tanto, considerou-se a leitura prévia da obra “A verdade em preto e branco”, de Antônio Schimeneck.

O hábito da leitura é incentivado desde cedo entre os estudantes da escola em questão. Nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, a turma tem a possibilidade de escolher suas leituras semanais, bem como a oportunidade

de ler e entrar em contato com obras indicadas pela professora, como o livro literário em questão.

A pré-leitura foi mediada pela professora de Língua Portuguesa, ao introduzir a obra, apresentar o autor, analisar, junto com os estudantes, a capa do livro, o título e estudar as hipóteses elencadas pela turma. Essa ação causou certa curiosidade na maioria dos estudantes, que iniciaram a leitura naquele momento.

Após um mês de leitura intercalada entre escola e casa, realizou-se uma roda de conversa sobre o texto literário. Nessa ocasião, foram considerados os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Para isso, os tópicos foram lançados à turma, que, de forma participativa, utilizando seus conhecimentos prévios sobre tais aspectos, relacionaram com a obra lida.

A fim de auxiliar na construção do conhecimento e na interpretação mais profunda do texto, a professora selecionou trechos importantes do livro para ler e refletir com os estudantes. Nessa etapa, pode-se perceber um grande interesse da turma por essa leitura, uma vez que seus relatos evidenciavam sentimentos curiosos em relação ao mistério na resolução do conflito apresentado pelo texto. Além disso, foram feitas abordagens históricas, relacionando a obra com a Ditadura Militar, em vigor no Brasil entre 1964 e 1985, e com o Nazismo na Alemanha, que encerrou em 1945; geográficas, discutindo sobre a configuração da cidade de Vale Santo; éticas, conversando sobre corrupção; e sociais, analisando os sentimentos/emoções sentidas pelos personagens e pelos estudantes durante a leitura, a relação entre mãe e filhos – Dona Mercedes sentia a necessidade de ter os filhos por perto, mas eles não moravam próximo, enquanto Roberta desejava ter uma boa relação com sua mãe, o que não acontecia – e as manifestações de afeto encontradas no cemitério, um local um tanto mórbido.

Após essa discussão, propôs-se à turma que, em pequenos grupos, elaborassem um mapa literário. Nessa construção, os estudantes deveriam englobar os aspectos essenciais da obra lida, desenvolvendo uma trilha com paradas obrigatórias, escrevendo, resumidamente, os acontecimentos mais

importantes. Depois, aprofundou-se o conhecimento acerca dos fatos com a socialização dos mapas produzidos com a turma.



Figura 1. Mapas literários elaborados pelos estudantes.

Fonte: as autoras (07/07/2023)

Considerando que os estudantes exploraram bem o texto literário, propôs-se aos mesmos grupos da atividade anterior, a elaboração de uma charada. Na disciplina de Lógica e Matemática financeira, os estudantes tiveram contato com jogos de estratégias, desafios lógicos, situações-problema e resolução de charadas propostas pela professora, a fim de estudar sua configuração e maneiras de resolver. Assim, com base nos conceitos trabalhados ao longo das aulas, os estudantes deveriam criar uma charada que envolvesse a obra lida, seja com um resultado que apontasse uma palavra relacionada à obra ou com elementos do texto literário para formá-la. Para tanto, foi necessário o uso do laboratório de informática.

É importante mencionar que a escola promove todos os anos uma gincana cultural, envolvendo diversas atividades interdisciplinares, dentre as quais destaca-se a resolução de charadas. Por isso, a maioria dos estudantes já tinha contato anterior com esse gênero de texto. Destaca-se a empolgação por parte

dos discentes na realização dessa atividade, uma vez que o fato de desafiar os colegas na resolução das charadas elaboradas os motivou a pensar de forma estratégica, utilizando os conceitos lógicos trabalhados ao longo das aulas. Além disso, ter a oportunidade de desafiar as professoras a decifrarem suas charadas foi um incentivo a mais para se dedicarem à atividade proposta.

A seguir, apresentam-se duas das charadas elaboradas pelos estudantes.



AGORA É COM VOCÊ!

Você deverá fazer a tarefa e trazer ela pronta. Ganha quem saber resolver a questão.

Observação: trazer o item da resposta.

Figura 2. Charada elaborada pelos estudantes.

Fonte: as autoras (14/07/2023)

Na figura 2, há quatro imagens que têm vínculo com a história lida e, acima delas, há um número correspondente à letra selecionada. Assim, tem-se: *Abelha*; *Cemitério*; *Agnelo* (nome de um personagem); *Jornal*. Desembaralhando as letras destacadas, obtém-se a palavra “cano”, que é a resolução da charada.



Figura 3. Charada elaborada pelos estudantes.

Fonte: as autoras (14/07/2023)

Já na figura 3, os estudantes utilizaram cores para cada retângulo com base na visão de tritanopia. Dessa forma, cada retângulo refere-se a uma cor da visão de uma pessoa sem esse diagnóstico e os números correspondem à letra a ser contada. Assim, tem-se: *Laranja*; *Ciano*; *Vermelho*; *Roxo*; *Rosa*. A resolução, nesse caso, é: livro.

Por fim, esta proposta foi encerrada com a aplicação das charadas em diferentes grupos. Devido à exploração do texto literário após a leitura, a resolução foi favorecida, no entanto, é preciso comentar que nem todos os grupos conseguiram solucionar. Isso foi importante para o processo de ensinoaprendizagem, já que houve trocas significativas entre os grupos para a compreensão da lógica pensada.

Considerações finais

Oportunizar atividades interdisciplinares no território escolar nem sempre é uma tarefa fácil. Exige estudo, conhecimento e parceria entre o corpo docente. Utilizar um texto literário como base para um projeto que envolve outra disciplina

exige que o outro professor se disponha a ler, a interpretar e a pensar junto em um processo de ensinoaprendizagem significativo aos estudantes.

“A verdade em preto e branco” tem uma linguagem acessível, adequada ao público-alvo, recheada de mistério e suspense. Por fazer parte da literatura fantástica, conecta a adolescência ao estranhamento, encanta a maior parte dos leitores. Sua escolha não foi por acaso e levou em consideração os estudantes daquele 8º ano em específico. Nesse sentido, evidencia-se a importância de conhecer o público-alvo, seus interesses e desejos. As atividades propostas foram motivadoras justamente porque foram pensadas e elaboradas pelas professoras com base nas demandas apresentadas pela turma.

Assim, cabe ressaltar que a interdisciplinaridade tem ganhado cada vez mais espaço no ambiente escolar. Com a BNCC, a longo prazo, certamente essas relações serão constituídas e potencializadas. A proposta que realizamos e apresentamos neste artigo é uma das múltiplas possibilidades que a sala de aula e o fazer docente oferecem. Relacionar duas disciplinas que, para muitos, talvez, são opostas, em um projeto tão significativo aos estudantes, evidencia que o território escolar é o melhor lugar para estabelecer relações e vínculos, seja entre os componentes curriculares seja entre docentes e discentes.

Referências

Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 set. 2023.

Calligaris, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2013. – (Folha Explica)

Corso, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

Corso, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Couto, Mia. *Murar o medo*. Disponível em: <https://www.miacouto.org/murar-o-medo/>. Acesso em 05 out. 2023.

Freud, Sigmund. O infamiliar (1919). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

Guirado, J.C et al. Jogos: um recurso divertido de ensinar e aprender Matemática na Educação Básica. Maringá-PR: Elograf, 2010.

Grabowski, Gabriel. A desconstrução do futuro: juventudes, reforma do ensino médio e retrocessos das políticas educacionais. Porto Alegre: Carta, 2019.

Huston, Nancy. *A espécie fabuladora*: um breve estudo sobre a humanidade [recurso eletrônico]. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&Pm Editores, 2008.

Instituto Pró-Livro. *Retratos da leitura no Brasil*. 5ª ed. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 08 out. 2023.

Pontes, Edel Alexandre Silva. O ato de ensinar do professor de matemática na educação básica. *Ensaios Pedagógicos*, v. 2, n. 2, mai.-ago. 2018. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/76>. Acesso em: 08 set. 2023.

Riter, Caio. Tempo de formar leitores. Desfazendo mitos. In: RITER, C. A formação do leitor literário em casa e na escola. São Paulo: Biruta, 2009. p. 51-63.

Schimeneck, Antônio. A verdade em preto e branco. 2. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2017.

Manuscrito recebido em: 02 de Dez. de 2023

Aprovado: 27 de Dez de 2023

Publicado: 28 de Dez de 2023